

Música, identidade e ativismo:

A música nos protestos de rua no Rio de Janeiro (2013-2015)¹

Daniel Marcos Martins²

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

Resumo: Pretendemos analisar a participação de músicos ativistas nas manifestações políticas de rua ocorridas entre 2013 e 2015, na cidade do Rio de Janeiro. A análise parte da busca por compreender o que motivou esses músicos a participarem dos protestos de rua. Além disso, se verifica o processo de adaptação e criação desses grupos no conjunto dos movimentos sociais; quais os desdobramentos dessa prática e até que ponto ela foi efetiva para uma nova forma de fazer protesto político nas ruas do Rio de Janeiro. Dentre os desdobramentos da participação desses músicos, temos o surgimento da frente artística, o “Bonde”, frente destinada a agrupar os blocos, grupos artísticos e ativistas que compartilhavam convicções e ideologias similares às reivindicadas nas manifestações.

Palavras-chave: Músicos, Ativismo político, Manifestações políticas de rua, Frente artística, Blocos de rua.

¹ *Music, identity and activism: the music in the street protests in Rio de Janeiro (2013-2015)*. Data da submissão: 30/10/2015. Data de aprovação: 05/11/2015

² Formado em viola e editoração de partituras pela escola de música Villa-Lobos em 2006. Prosseguiu os estudos em Licenciatura em História pela Fundação Educacional Unificada Campo Grandense (FEUC). Como aluno bolsista participante do Coral da faculdade e estagiário no Núcleo de pesquisa de História, onde fez levantamentos, fichamentos e paleografia básica em fontes primárias do século XVIII e XIX. Concluiu a graduação em 2013 com a monografia de título “*Interações, apropriações e circularidades na música brasileira: Século XX em Pernambuco e Século XXI em São Paulo*”, com a orientação do mestre Mauro Lopes de Azevedo. Atuei como violista na Orquestra Livre do Rio de Janeiro e posteriormente em bandas e grupos de música eletrônica. Email: mozartdanielmarcos@gmail.com

Abstract: We intend to analyze the participation of activist musicians in the street political demonstrations that took place between 2013-2015, in the city of Rio de Janeiro. The analysis begins with the quest to understand what led these musicians to participate in street protests. In addition, it appears the process of adaptation and creation of these groups within the social movements, what the ramifications of this practice and to what extent it was effective to a new way of doing politics in the streets of Rio de Janeiro. Among the consequences of the participation of these players, we have the emergence of the artistic front, the "Bonde" which is designed to group the blocks, art groups and activists who shared similar beliefs and ideologies, principal issues claimed in the demonstrations.

Keywords: Musicians, political activism, political street demonstrations, artistic front, street blocks.

Em junho de 2013 eclodiram nas ruas do Rio de Janeiro diversas manifestações políticas que se estenderam por aquele ano e ainda ganharam força nos anos seguintes. Analisar as manifestações de 2013 não é uma tarefa fácil, tendo em vista a pluralidade de reivindicações e a diversidade de identidades presentes.

Muitas vezes as manifestações foram desacreditadas, alguns diziam que não passava de uma “tempestade” que chegou, abalou e foi embora. Outros disseram: “O Gigante acordou, rosnoou, virou pro lado e dormiu de novo”³. O fato é que pessoas se reuniram e foram às ruas requerer o atendimento às suas reivindicações. Mas, por que diferentes pessoas se reuniram, se identificaram com os temas abordados nos protestos e produziram música nesse ambiente? Que tipo de legado as músicas inseridas nas atividades políticas de rua poderiam deixar para os anos seguintes, para as futuras manifestações? Essas perguntas motivam as reflexões desse texto.

Com isso, devemos observar os comportamentos compartilhados por manifestantes e as atitudes que levaram alguns a se manifestarem por meio da música. Propomos analisar as atitudes do músico manifestante e do manifestante músico. Pretendemos compreender seus desdobramentos nos anos seguintes, até o nascimento do “Bonde”, uma frente artística de fanfarras e grupos artísticos ativistas no Rio de Janeiro. Para isso faremos uma descrição histórica dos movimentos sociais e seu desenvolvimento até 2013. Esse artigo terá caráter etnográfico ao analisar a formação do Bonde e dos grupos que o compõem a partir da pesquisa de campo e das entrevistas realizadas nesse período. Este artigo apresentará também a descrição dos depoimentos de músicos ativistas que estiveram presentes

³ Título da matéria de Bruno Krasnoyev na coluna do R7 (KRASNOYEV, 2013).

nos protestos de rua e a declaração dos idealizadores do Bonde.

1. Histórico de manifestações pelo mundo

As manifestações que ocorreram no Brasil, em 2013, não surgiram de forma isolada. Devemos levar em consideração uma série de protestos políticos que aconteceram mundo afora, que foram os principais influenciadores daquela que seria chamada por alguns como “Revolta do vinagre”⁴. Segundo Gohn (2014, p.27) algumas manifestações que antecederam os protestos de 2013 no Brasil, como a Primavera Árabe que começou na Tunísia, em 2010, espalhando-se pelo Egito, Líbia, Iêmen e Síria.

No dia 15 de março de 2011 jovens inspirados na Tunísia e no Egito iniciaram o Movimento 15 de Março em Gaza e foram duramente reprimidos. O Marrocos também fez seus protestos em 2011 e 2012, assim como o Iêmen em fevereiro de 2012 depôs o seu ditador, em uma revolta liderada por Tawakkul Karman, uma jornalista iemenita e ganhadora do Nobel da Paz em 2011.

Ainda, segundo a mesma autora, as marchas e ocupações seguiram entre os anos de 2011 e 2012 por países da Europa, como o Movimento dos Indignados na Espanha, conhecido também como 15M⁵. Em Madri houve protestos que também foram reprimidos pela polícia e que foram divulgados pela mídia on-line. Em 2012, também houve protestos em Lisboa e na Inglaterra contra o desemprego, o racismo e a política à entrada de imigrantes.

Talvez o grande influenciador dos movimentos no Brasil tenha sido o Occupy Wall Street, movimento iniciado no dia 17 de setembro de 2011, em Nova York, ao sul da Ilha de Manhattan, contra a elite econômica e corporações financeiras, repúdio ao desemprego, a favor da igualdade social, contra a corrupção. Inicialmente, o movimento foi formado por jovens brancos, mas depois o grupo foi se diversificando a partir da adesão de moradores de rua, sem-tetos, sindicatos, veteranos de guerra, estudantes, professores universitários, trabalhadores do setor da saúde, etc. O Occupy Wall Street se espalhou por várias cidades dos Estados Unidos, como Los Angeles, San Francisco, Oakland, California, Boston, Harvard, Washington, totalizando 147 cidades e depois se espalhou por 900 cidades no mundo (Idem, p.42).

As manifestações de 2013 eclodiram no Brasil devido a alguns fatores: a falta de investimento nos setores da educação e da saúde, gastos excessivos com megaeventos ou simplesmente descontentamento com o governo. Alguns panfletos afirmavam: “Não vamos desocupar as ruas! Nossa luta é por transporte, moradia, saúde, educação e direitos democráticos” (PANFLETO, 2013). Todas

⁴ Devido à apreensão de alguns manifestantes que portavam vinagre, esse era usado para minimizar os efeitos do gás de pimenta arremessado pela polícia contra as pessoas.

⁵ Com referência à data de seu início em 15 de maio de 2011 (GOHN, 2014, p.33).

manifestações compartilharam a característica de terem atingido proporções consideráveis e uma escala crescente de revoltosos:

As manifestações de junho fazem parte de uma nova forma de movimento social, composta predominantemente por jovens escolarizados de camadas médias, conectados por redes digitais, organizados horizontalmente, críticos das formas tradicionais da política tais como se apresentam na atualidade (GOHN, 2014, p. 110).

DaMatta (1983) constata que no Brasil os eventos podem ser previstos ou imprevistos pelo sistema social. Os previstos seriam os eventos ordenados, com planejamento e data específica, enquanto que os imprevistos aconteceriam sem nenhum planejamento. Os imprevistos seriam as insurreições, revoltas, rebeliões e revoluções, vistos pela polícia como “ocorrências”, “processos”, “casos”, “subversões” e “quebra-quebras” (DAMATTA, 1983, p.38-39). As subversões e o apedrejamento do espaço público podem acontecer, mas devemos entender que tais atos estão inseridos dentro de um contexto, tem algum sentido para acontecer, desde o apedrejamento de um símbolo específico até o desacato a uma polícia opressora. Não se trata de justificar os atos de “vandalismo”, mas sim, dar sentido a eles.

Os protestos que marcaram início das jornadas de junho em 2013 tiveram início em Porto Alegre. Ganham mais visibilidade quando o Movimento Passe Livre (MPL) organizou em São Paulo as primeiras manifestações contra o aumento de vinte centavos na passagem de ônibus. No dia 13 de Junho aconteceu uma grande manifestação de rua que foi duramente reprimida pela polícia. Algumas cenas da violência só confirmariam o despreparo da polícia para lidar com a situação. Esse cenário se repetiu em outras partes do Brasil, como no Rio de Janeiro. Na noite de 20 de junho de 2013 enquanto ocorria uma manifestação na Avenida Presidente Vargas, as luzes da avenida foram apagadas (talvez como tática policial da implantação do terror) e bombas de gás lacrimogênio foram arremessadas contra os manifestantes, pouco importando se havia crianças ou idosos no local (e havia!).

A violência gerada pelas forças policiais desencadearia outras manifestações em várias partes do Brasil. No Rio de Janeiro, em especial, as manifestações aconteceram durante todo aquele ano. Nos anos seguintes as manifestações incorporaram as pautas em questão. Em 2013, assuntos como a greve dos professores da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro; o desaparecimento do ajudante de pedreiro Amarildo, morador da Rocinha⁶, as atrocidades cometidas no Complexo da Maré, e os gastos excessivos com a promoção da Copa do Mundo no Brasil ganharam destaque. A resistência nas ruas apenas começava.

Dessa forma podemos entender como ocorre o primeiro contato com um movimento social.

⁶ Favela na zona sul do Rio de Janeiro que conta com uma Unidade de Polícia Pacificadora.

Mas o big bang de um movimento social começa quando a emoção se transforma em ação. Segundo a teoria da inteligência afetiva, as emoções mais relevantes para mobilização social e o comportamento político são o medo (um efeito negativo) e o entusiasmo (um efeito positivo) (CASTELLS, 2013, p.18).

Os movimentos sociais se originaram de uma crise que se tornou insustentável a ponto de gerar a revolta. Primeiro os manifestantes precisaram vencer o medo, que quando superado, faz com que o revoltoso se identifique com outras pessoas, criando os grupos de manifestação.

A raiva aumenta com a percepção de uma ação injusta e com a identificação do agente por ela responsável. O medo desencadeia a ansiedade, associada à evitação do perigo. Ele é superado pelo compartilhamento e pela identificação com outros num processo de ação comunicativa. Então a raiva assume o controle, levando ao comportamento de assumir os riscos (Idem, p.158).

O Estado faz o uso do medo para manter as pessoas longe dos protestos de rua, através de um discurso que prega a ordem social e descrédito dos movimentos contestatórios. Os participantes serão chamados, por órgãos midiáticos e por representantes do governo, de vândalos, baderneiros, desordeiros e outros adjetivos pejorativos. O medo também será empregado de forma prática e brutal, como o espancamento de manifestantes, pouco importando se são professores que querem um aumento de salário e condições de trabalho dignas ou estudantes contra a falta de investimento na educação. Não foi raro ver esse tipo de cena nos anos seguintes, com a polícia sempre alegando “manter a ordem local”. Nesse quesito a prática ditatorial e por vezes covarde não seguirá outro padrão senão o de cumprir o papel de máquina opressora do Estado.

Complementando a teoria da inteligência afetiva, conforme a época e o contexto, podemos afirmar que predomina um tipo de sensibilidade na nossa relação com os outros, cria-se uma dimensão afetiva e sensível. Essas massas cruzam-se, tocam-se e formam interações entre grupos, o que Maffesoli (1987) identifica como ethos em formação. Serão os laços de reciprocidade criados entre os indivíduos, pois esses não podem viver isolados, precisam comunicar-se e interagir, seja pela cultura, pela ideologia, pelo lazer ou pela moda; e ainda “Sob esse aspecto, a vida pode ser considerada uma obra de arte coletiva” (Idem, p.114) formada por vários indivíduos que pensam de forma diferente ou similar, e constroem coletivamente o mundo no qual vivem.

2. As identidades dos músicos nos protestos políticos

Para entendermos o comportamento dos músicos envolvidos nas manifestações primeiro precisamos compreender os conceitos de identidade utilizados nesse artigo. A identidade é o que nos liga à estrutura e é formada através da interação entre o indivíduo e a sociedade em que vive, na qual interage com outros indivíduos. Devemos entender que a identidade “estabiliza tanto os sujeitos quanto

os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.” (HALL, 2014, p.11). Essa identidade não será estável nem única, mas estará em constante formação. Dessa forma nossa identidade está fragmentada e muitas vezes é formada inconscientemente.

Segundo Stuart Hall (2014), a identidade poderá passar por alguns processos de descentração. Um desses processos será o dos grupos de “novos movimentos sociais”, que surgiram após 1960. Dentre eles podemos citar o movimento feminista, as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis e os movimentos revolucionários do “terceiro mundo” (idem, p.27).

Não nascemos com identidades prontas, elas são formadas e transformadas através dos processos de representações culturais. Dentro dessas representações o espaço-tempo será remodelado trazendo efeitos sobre a forma das identidades. O espaço precisa ser concretizado e sentido; cada sociedade tem sua forma particular de lidar com esses espaços, ordenando de forma diferente um conjunto de vivências sociais que será lembrada como parcela de seu patrimônio.

Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir enquanto um todo articulado e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenem também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização (DAMATTA, 1987, p.39).

As praças são o foco das manifestações políticas, onde se desenvolvem uma relação estrutural entre os manifestantes. Alguns manifestantes gritam mensagens para uma multidão, esses serão os gritos de ordem, sugerido pelos “puxadores”⁷.

As praças (...) servem também como ponto de encontro entre alguém que interpreta (ou inventa) uma mensagem a multidão que a recebe e cristaliza num drama que sugere ser a sociedade algo inventado pelo indivíduo que, nestes momentos, passa sua verdade para a massa (idem, p.47).

A praça foi eleita o ponto de encontro entre aqueles que interpretam a mensagem e a multidão que recebe essa mensagem; a praça também sedia o encontro entre as diferentes identidades.

Podemos observar que os protestos atuais estabelecem uma diferença em relação ao uso da praça: ela será o ponto de encontro e o ponto de chegada, pois em muitas vezes o protesto será móvel. Por exemplo, podemos citar as manifestações dos professores ocorrida no Rio de Janeiro, 2013. O ponto de encontro dos manifestantes era a praça em frente à Igreja da Candelária. Daquele ponto, os

⁷ Tomo emprestado o termo “puxador” dos sambas-enredos, no qual também são conhecidos como intérpretes de samba-enredo. Chamo de “puxadores” aqueles que inventam um grito de ordem, iniciam o “microfone humano” ou fazem o jogral, lançando um grito de ordem que é repetido pela multidão a sua volta. Em 2013 o “puxador” criava um grito de ordem, a multidão poderia aprovar ou não o jargão. Se o grito fosse aprovado as pessoas repetiriam em coro o mesmo conteúdo, se rejeitassem poderiam ignorá-la ou até vaiá-la. No decorrer dos anos, os coletivos organizados determinariam melhor seus gritos de ordem e seus “puxadores”.

manifestantes caminhavam pela Avenida Rio Branco e culminavam o protesto na Cinelândia, ocupando as escadarias da Câmara Municipal da cidade⁸.

Pensaremos agora sobre as identidades que foram assumidas pelos músicos nos protestos de rua. Em 2013 observamos que os protestos poderiam ser formados por dois tipos de organizações musicais: “músicos solitários” ou “grupo musical”. Os solitários poderiam se inserir a qualquer momento em um grupo, desde que houvesse abertura para a sua interação com os outros. Com isso, podemos ainda pensar na confluência de outra identidade: o ativista músico. Este seria o ativista que não se considera músico, mas que utiliza o instrumento como forma de fazer protesto. A fala do ativista Gabriel Souza Bastos, participante do bloco de protesto “Nada deve parecer impossível de mudar” apelidado de “Bloco do Nada”, é singular nesse sentido: “Na verdade, eu sou mais militante do que músico, estou no bloco antes pela militância do que pela música” (Entrevista realizada pelo autor, 2014). Embora ambos possam ser considerados diferentes quanto ao foco inicial, participam juntos tocando a mesma música nas manifestações.

No dia 20 de junho um trombonista relatou: “Eu vi que tinha uma galera com os metais, bateria e essas coisas! E então resolvi trazer o meu trombone também.” (Entrevista realizada pelo autor, 2013). Músicos que iam para as manifestações com seus instrumentos musicais acabavam por influenciar outros a reproduzir a prática e aqueles que eram influenciados se identificavam com o ato de fazer música no protesto. Essas identidades podem ser adquiridas, reconhecidas ou descobertas através de alguns mecanismos que levam o manifestante a se identificar com uma causa, algo que o faça tomar as ruas em um protesto político. Nesse caso é interessante observar a aplicabilidade da teoria da inteligência afetiva, que poderia explicar um motivador inicial para a descoberta de tais identidades.

3. Movimentos Sociais e a atuação dos grupos musicais.

Movimento social é uma expressão usada para designar mobilizações políticas com atores sociais. “Estes sujeitos reivindicam a inclusão social de segmentos marginalizados pela ordem político-jurídica, de modo a lhes conferir o conhecimento de direitos como a liberdade, a igualdade e o sufrágio universal.” (BELLO, 2013, p.232). Também podemos entender a inclusão social como a inclusão de pessoas que se encontram à margem da sociedade através de projetos de inclusão social, como exemplo de medidas tomadas pela inclusão social temos o sistema de cotas para negros, indígenas e estudantes de escola pública nas universidades; a inserção de indivíduos nos meios sociais. O movimento social pode assumir um sentido mais específico ao designar os novos atores políticos. Esses serão

⁸ A Cinelândia é um dos locais mais frequentados nos protestos do Rio de Janeiro, devido a seu passado histórico, em especial o triste episódio do assassinato do Estudante Edson Luis, em 1968.

movimentos coletivos heterogêneos que se relacionam com uma variedade de temas, como etnias, gêneros, sexualidade, ecologia, serviços públicos e sociais. Bello (2013) considera que é evidente uma contribuição de Gramsci no sentido de que a atuação perante o Estado só é possível a partir de uma atualização dos sujeitos políticos.

Movimentos sociais, que formam o coletivo Resistência Urbana, iniciam hoje (8) uma série de manifestações até a Copa do Mundo para reivindicar direitos sociais e questionar os gastos públicos com o evento(...)“É o lançamento da campanha 'Copa sem Povo, Tô na Rua de Novo', cujo objetivo é denunciar as políticas abusivas e antipopulares em relação à Copa do Mundo”, explicou Guilherme Boulos, integrante do Movimento dos Trabalhadores Sem-teto (MTST). Além do MTST, participam do protesto, da Resistência Urbana, Movimento Popular por Moradia (MPM) e Movimento de Luta Popular (MLP). Também compõem a ação mais de mil militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que chegaram à capital ontem (7), como parte da Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária (MACIEL, 2014).

Os movimentos sociais não serão sucessores dos partidos políticos, mas sim, agregados aos processos políticos. Esses serão os “novos movimentos sociais” que “surgem no contexto de uma crise aguda da democracia representativa e de intensas transformações no sistema produtivo capitalista” (BELLO, 2013, p.233). Esses têm como principal inovação oferecer alternativas à política tradicional e uma ênfase maior na ação direta com protestos e reivindicações atuando nos novos cenários, ou seja, as ruas, estradas e praças. Dessa forma consideramos que os coletivos⁹, grupos musicais ativistas, possam se inserir atuando junto aos novos movimentos sociais pois atendem às características citadas.

Chico Oliveira que é ativista, músico e mestre de bateria do “Blocato do Nada”, afirmou em entrevista que:

O bloco é uma ferramenta a serviço dos movimentos sociais, então a gente tem essa função de ser porta-voz dos movimentos, de mudar a forma da esquerda em se comunicar. Basicamente superar o formato de manifestação tradicional, com carro de som, palavras de ordem entoadas pelo microfone de cima do carro. Às vezes com uma forma de dizer que não comunica muito, usando palavras e termos que só quem é organizado se identifica. Só de ser uma banda musical cumprindo esse papel de entoar as palavras de ordem e de animar a manifestação já é interessante (Entrevista concedida ao autor, agosto, 2015).

Esses grupos musicais, denominados “fanfarras ativistas” poderão ser conhecidos por outra nomenclatura: “neofanfarristas”. O termo “neofanfarrismo” começou a ser utilizado em 2008 quando

⁹ Segundo Melucci (1999), o coletivo é realizado no seio do movimento social, por isso, muitas vezes não é percebido como algo diferente. “São experiências realizadas no cotidiano com a realização da interlocução com outros grupos. (1999, p. 38 Apud MESQUITA, 2008, p.183) O autor aponta a distinção entre movimentos sociais e outras ações coletivas a partir de quatro eixos: a) sua continuidade; b) visão de injustiça; c) relações com processos de mudança social; d) identidade coletiva. “O movimento social se caracteriza por certo grau de continuidade na atividade que desenvolve, diferentemente de outras formas de ação coletiva marcada pela espontaneidade e efemeridade, como as manifestações de protestos. (...) A ação coletiva exige uma continuidade do movimento para que os objetivos de mudança social levantados pelos mesmos sejam, de alguma forma, concretizados” (MESQUITA, 2008, p 184).

os músicos de algumas fanfarras começaram a se considerar diferentes dos demais grupos musicais por abordar temas políticos e também por abranger uma mistura com outros gêneros musicais como funk, Jazz, Disco Music e outros ritmos da música negra (HERSHMANN; FERNANDES, 2014, p.35-36).

Um grupo neofanfarrista pode nascer de um partido político ou desenvolver seu interesse político com o tempo, de acordo com seus integrantes. Esses grupos oferecem inovações à velha prática política atuando de forma direta nos protestos, especialmente nas praças e ruas. Esses novos movimentos são construídos por atores sociais que possuem diferentes culturas, vivências, classes e realidades, ou seja, cada indivíduo é composto por várias identidades, como descrito anteriormente. Com isso, é possível que as ações dentro do grupo originem uma identidade coletiva para o movimento a partir de interesses que esses atores tenham em comum. Através do princípio de solidariedade “Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, um espaço coletivo não-institucionalizado” (GOHN, 2006, p.251-252 Apud BELLO, 2013, p.234).

O músico e pesquisador Andrew Snyder¹⁰ esclareceu que o neofanfarrismo possui uma grande tensão interna; de um lado estão os músicos ativistas, pessoas que desejam fazer parte dos movimentos sociais e também aquelas que não desejam participar de tais movimentos (dependendo do grupo essa característica poderá ser menos marcante). Dessa forma A. Snyder considera que o neofanfarrismo apesar de não demonstrar uma proposta política mais clara, ainda pode ser considerado como parte de um movimento social pois vem mudando a sociedade musicalmente. (Entrevista concedida ao autor, dezembro, 2014).

4. Transformando as ruas com música

O conceito de neofanfarrismo pode contemplar os grupos que fizeram parte das manifestações de junho de 2013 e ao longo de todo aquele ano. Alguns grupos existiram temporariamente, criados especificamente para alguns protestos. Como exemplo, podemos citar um pequeno grupo musical formado por professores em setembro de 2013, chamado de “A furiosa”. O grupo acompanhava os protestos do Sindicato Estadual dos Profissionais em Educação do Rio de Janeiro – SEPE, utilizando alguns sambas-enredos com letras apropriadas, marchinhas e música popular brasileira, como a canção “Para não dizer que não falei das flores,” de Geraldo Vandré.

Quando essas fanfarras estão nas ruas, reivindicam junto aos manifestantes um espaço a ser usado para uma determinada performance musical. Essa atuação nas ruas também deve levar em conta

¹⁰ Músico, ativista e estudante de doutorado na Universidade da Califórnia, é pesquisador do movimento de neofanfarrismo nos EUA e no mundo.

toda a infraestrutura temporária criada no dia dos protestos, incluindo barreiras criadas por policiais que restringem qualquer acessibilidade ou mesmo o direito de ir e vir. Com maior ou menor dificuldade podem finalmente ressignificar os espaços, mesmo contra a vontade das autoridades policiais. Trata-se da ocupação do espaço urbano.

Pedro Dorigo (2014), saxofonista, músico ativista e integrante do Bloco do Nada diz:

A gente está começando agora a dominar a rua, a ocupar a rua que é um espaço público. O carnaval antigamente era de rua, começou a se elitizar um pouco e agora de uns dez ou vinte anos pra cá ele está voltando com esse movimento das fanfarras. Então eu acho que é bacana assim, essa disputa também desse espaço e ocupar esse espaço não só com a festa, com a farra, mas com ideias, com debates políticos que são proporcionados tanto pela música, que é uma linguagem também, como pelos encontros e pelos contatos que o bloco gera (Entrevista concedida ao autor, setembro, 2014).

Gabriel Souza Bastos complementa: “É a cultura de ocupação do espaço público (...) acho que o Bloco do Nada é uma ferramenta política muito interessante para ocupar o espaço público com música”. (Entrevista concedida ao autor em setembro de 2014).

A performance desses grupos musicais causa um grande impacto sonoro e visual, fazendo com que as pessoas que participam não pensem que estão apenas protestando, mas também passando um “bom momento juntos”. Podemos entender que “This ‘good time’ was achieved in the late 1950s and early 1960s by connecting the subcultural and pop enthusiasms of contemporary youth with the political action¹¹” (MCKAY, 2007, p.5). Dessa forma cria-se um novo entusiasmo que contagia todos os manifestantes, gerando um ambiente que poderia se equiparar ao do carnaval. Por isso, pode-se dizer que os protestos se tornaram carnavalizados. Esse benefício também potencializa os encontros e condiciona o entretenimento, unindo o ato político com a festa. A ocupação do espaço urbano reforça a solidariedade entre os indivíduos, reanimando e regenerando espaços urbanos abandonados, integrando grupos sociais excluídos que vivem nesses lugares ou nos seus arredores.

Segundo Floch (2007, p.29), a arte de rua se desenvolveu em países que já tinham tais tradições bem consolidadas, como a Polônia, Croácia e parcialmente a Hungria. Em outros países a arte de rua se desenvolveria em conflito com autoridades locais, seriam consideradas perigosas porque promoviam a desordem.

No Rio de Janeiro podemos observar que os grupos de neofanfarrismo são vistos com certa desconfiança pelas autoridades. Durante o festival Honk Rio – Festival de Fanfarras ativistas originário de Boston – realizado entre os dias 6 e 9 de agosto de 2015 em diversas praças no centro do Rio de Janeiro, houve comentários de que policiais à paisana observavam a aglomeração a fim de saber se o

¹¹ “Este ‘bom momento’ foi alcançado no final da década de 1950 e início dos anos de 1960, ligando os entusiasmos da subcultura e o pop da juventude contemporânea com os atos políticos (Tradução nossa).

festival e suas fanfarras de ativismo musical poderiam oferecer alguma ameaça à ordem local.

Durante o ano de 2013 e 2014 os espaços foram ocupados de forma conflituosa e não raras vezes as manifestações foram reprimidas por policiais com violência. Com o tempo, essas características mudariam, pois as fanfarras se organizariam para promover eventos nos espaços públicos e assim não sofreriam a repressão policial por fazerem um ato que se confundia com o entretenimento.

5. O nascimento do “Bonde”

Houve uma certa fragmentação entre os movimentos sociais de esquerda ao decorrer do tempo, a falta de diálogo entre os grupos chamaria a atenção do músico Thiago Kobe que observou a participação de grupos como o “Bloco do Nada” e o “Comuna que pariu¹²”. Ele notou que esses grupos tinham a capacidade de agregar muitas pessoas a sua volta nos atos nos quais tocavam, pois as “pessoas que não sentariam para conversar ou falar de política em uma plenária qualquer, conseguiam fazer política juntos através da arte (Entrevista concedida ao autor, março, 2015).

Thiago Kobe notou que esses grupos inovavam a arte com conteúdo político e reuniam pessoas com diferentes interesses. O músico viu a necessidade de criar uma frente artística para reunir grupos artísticos que tivessem essa característica ativista. Thiago levou a ideia para alguns amigos e assim começou a debater sobre a possibilidade de criar essa frente. Fizeram duas reuniões preliminares com seis pessoas para depois convocarem uma reunião na Praça Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro.

Segundo Thiago Kobe, houve necessidade de criar uma frente artística que levasse título de “esquerda”, assunto que foi amplamente debatido durante as reuniões dos criadores da frente artística. A maior dificuldade foi definir o que era a conotação de “esquerda” dada a enorme fragmentação e ideologias presentes nos movimentos. Precisavam dar sentido ao termo para fazer frente ao deturpado discurso midiático e ao senso comum de que há apenas uma esquerda no Rio de Janeiro. Kobe questiona: “O que é esquerda hoje, agora, no Rio? O que é isso? Não é fixo! Claro que vai mudar de significado e a gente tem que bater no peito e tomar isso pra gente!” (Entrevista concedida ao autor, março, 2015). Com isso a frente passaria e se chamar “Bonde - Frente Artística de Esquerda”.

Precisamos compreender historicamente sobre quais esquerdas estaríamos falando hoje no Rio de Janeiro e no Brasil. Em um apanhado histórico geral:

A esquerda lutou contra os governos monárquicos, absolutistas e aristocráticos, e em favor de instituições burguesas como o governo liberal e constitucional. Tratava-se, portanto, de uma esquerda moderada, mas que sempre esteve disposta a mobilizar as massas para seus objetivos políticos. Desde o começo de sua história, a esquerda estava pronta para se tornar revolucionária (HOBBSAWM, 2009, p.91).

¹² Bloco de samba-enredo ativista que surgiu em 2009.

Durante grande parte do século XIX a esquerda esteve do lado da mudança, sempre favorável a mudanças políticas e sociais. Neste esse século houve a substituição do conceito de “massa” pelo de “classe” e o reconhecimento da existência de uma luta de classes. Camadas pobres, como os trabalhadores manuais passaram a se organizar e se aliaram a esquerda tradicional. Essa união configuraria boa parte da esquerda que existe em alguns países europeus, ou seja, uma esquerda que foi formada em torno dos movimentos operários e dos partidos socialistas (conforme explicitada por autores como SENA JÚNIOR, 2013; MARX, 2003; ENGELS, 2003). Foi somente com a Revolução Russa que tivemos a divisão da esquerda em duas grandes correntes: uma ala socialdemocrata e uma ala comunista revolucionária.

Devemos lembrar que nessa época a “teoria socialista era uma crítica da realidade capitalista, e não um projeto efetivo para a construção de uma outra sociedade” (HOBSBAWM, 2009 p.95). Os bolcheviques tentaram construir uma sociedade socialista, mas segundo Hobsbawn (2009, p.96) eles fracassaram com esse projeto, o que enfraqueceu a ideologia da ala social democrata da esquerda. Outros fatores também teriam levado a esse declínio, como a mudança da economia mundial após 1973 e a difusão de doutrinas econômicas neoliberais que criticavam a prática “corporativista” das políticas econômicas na década de 1950 e 1960. Dessa forma podemos entender que “a atual crise intelectual da esquerda tem suas raízes nessa crise das duas alas da esquerda, tanto da revolucionária-bolchevique como da socialdemocrata” (Idem, p.97)

Surgiu uma nova esquerda na década de 1960 que teve como característica a falta de uma base sólida em uma classe. Independente da classe social qualquer pessoa pode se identificar e militar por uma causa esquerdista e também não ter um projeto único, pois “Vários movimentos que se consideram parte da esquerda tendem a se concentrar em questões muito específicas” (Idem,p.98) Como exemplo disso podemos citar o movimento feminista, os ecologistas o movimento dos homossexuais e movimentos afro-brasileiros. Ainda pode-se destacar outros movimentos sociais nos anos 90: dos indígenas e dos funcionários públicos (educação e saúde), tão presentes nos protestos de 2013.

Esses jovens são motivados por uma luta em comum: a luta antineoliberal. Podemos compreender que essa nova esquerda pode se sentir abalada com a crescente política de privatização, que aqui no Brasil teve seu auge na década de 1990 com a privatização das empresas e siderúrgicas estatais no então governo de Fernando Henrique Cardoso. Tal oposição antineoliberalista propicia mais motivação para a luta, e dessa forma buscam novos meios de fazer-se política, como nesse caso, a criação de uma frente artística de esquerda.

Podemos observar que o primeiro nome “Bonde”, termo comum no Rio de Janeiro para designar

grupos artísticos, especialmente grupos musicais dentro do Funk, vem de uma gíria usada para designar um agrupamento, coletivo musical, ajuntamento de músicos. Além disso, termo “Bonde” é uma referência ao famoso bondinho do bairro de Santa Tereza no Rio de Janeiro, que foi desativado após um trágico acidente no dia 27 de agosto de 2011, “(...) que, além de ícone e principal meio de transporte do bairro, é um dos grandes símbolos do Rio”. (CARNEIRO, 2015).

Ao assumirem que são uma frente de esquerda, também passaram a assumir a posição de resistência aos grupos intitulados de “direita”. Mesmo que os grupos que façam parte da frente artística tenham algumas diferenças ideológicas, eles lutam pelas mesmas questões e com ferramentas parecidas. Dessa forma ficou definido que o Bonde é:

(...) uma frente artística que agrega artistas de diversas linguagens, blocos musicais, coletivos de cultura, mídia ativistas, organizações da sociedade civil, movimentos sociais e militantes independentes em torno da ideia de utilizar a arte como método de ação nas ruas e nas redes para fortalecer as pautas dos movimentos populares” (Manifesto, 2015).

O Bonde é uma ferramenta para as manifestações, uma frente artística onde se reúnem grupos¹³ com o mesmo interesse, organizando-se em atos de manifestação política, performances, escrachos, intervenções, etc. Essas mobilizações, marchas, concentrações e passeatas são consideradas por Gohn (2010, p.13) ações concretas com estratégias de uma pressão direta.

Diante da consolidação do que seria o Bonde, foi publicado nas redes sociais um manifesto sem autoria, produzido de forma coletiva entre seus integrantes:

MANIFESTO

Tem os que são reis
E os que se sentam do lado dos reis
Tem os que dizem: não sei
Ou tanto faz como tanto fez
Mas, ei...
Tem também quem acha que é a vez
Do peão mandar no xadrez
E poder ter pão, terra, embriaguez
Liberdade à vontade
Pra balançar seus balancês
Pra deixar de ser freguês

¹³ Bloco carnavalesco Nega Endoidou (Música), Comitê Popular da Copa (Música e Literatura), Planta na Mente (Música), Comuna que Pariu (Música e arte literária), Balalaica (Literatura e Poesia), Blocato do Nada (Música), Fora do eixo (Música e fotografia), Mídia Ninja (Comunicação e fotografia), Rio na Rua (Música, comunicação, fotografia e vídeo), Mídia independente coletivo (Comunicação e vídeo), Comlurb, Vinhetando (Vídeo), Manguinhos (Vídeo e pedagógico), Concôma (Música), Reage Artista (Artes cênicas e produção), Apafunk (Música, artes visuais e produção), Sepe de Niterói (Música), Núcleo de estudos J.P. Proudon (Pedagógico), Coletivo Carranca (Comunicação e fotografia), Coletivo Mariachi (Comunicação, fotografia e vídeo), Bloco de Maracatu (Música), Central de videoativismo (Vídeo), Laboratório de comunicação dialógica (Comunicação e vídeo), Assembléia popular no Largo do Machado (Arte visual, arte literária e arte cênica), Indionoise (Música e arte visual), Habanero (arte literária), PSOL, Rádio Rua (Comunicação), Cineclub Mate com Angu (Cinema), Maracangalha (Música), Projetação (Vídeo), Rio Maracatu (Música) e muitos outros ativistas não vinculados a grupos

Do caraminguá de cada mês
Um mundo feito de dinheiro?
Ai, ai, ai... que estupidez
Somos o Bonde do sonho, da luta e da intrepidez
A nossa arte é doideira e lucidez
E quer dizer para vocês
Um mundo feito pra poucos
Com o suor dos outros
Tem mais é que ser inventado de novo (Manifesto, 2015)

O Bonde é uma frente artística que congrega as lutas da nova esquerda e as características dos movimentos sociais atuais, ou seja, movimentos que oferecem uma nova alternativa à política tradicional com uma ação direta de intervenção artística, atuando nas ruas, praças e estradas. Não seguem uma liderança; suas ações são decididas em plenárias. Podemos, então, considerar que se guiam por um programa que é definido coletivamente.

Poderemos usar o conceito de nebulosa “afetual” para compreender melhor esse contato entre diferentes grupos em uma nova “tribo”. Segundo Maffesoli (1987, p.104) o solidarismo pode servir como pano de fundo para os fenômenos grupais, um sentimento e uma experiência que são partilhados entre os participantes e que chegam as “explosões orgiásticas”, vibrando em uníssono. “O neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão (Idem, p.107). O Bonde é mais que uma reunião de indivíduos, existe uma solidariedade, o prazer de estarem juntos, de fazerem música e arte em conjunto com uma ideologia política compartilhada. Existe uma sincronia entre os participantes pois conversam, debatem e organizam programas para as intervenções artísticas na cidade. Podemos dizer que instala-se um grupismo, reforçando o processo de identificação quando “O sentimento ganha espaço, reforça sua presença no espaço público e produz uma solidariedade que não se pode mais ignorar. Estabelece-se uma ética comunitária no quadro de uma rede de comunicação.” (MEIRELLES, 2006, p.144). Apesar de o termo ser utilizado pela autora para definir o processo que acontece a longo prazo em uma determinada posição geográfica da cidade, como um bairro, podemos tomar o termo por sua produção de solidariedade e ética comunitária, mesmo que temporária.

6. A primeira feira do Bonde

No dia 1º de março de 2015 aconteceu a “primeira feira do Bonde”. Os coletivos que faziam parte da frente se organizaram e montaram toda a infraestrutura. Todo dinheiro usado nos gastos para a realização do evento foi arrecadado durante as reuniões do Bonde. A feira promoveu uma ocupação do espaço urbano. Para tanto foi necessário que alguns dos organizadores se comunicassem com guardas municipais informando o que aconteceria no local e qual área ocupariam, legitimando assim o

uso do espaço público.

Nesse dia, marcaram presença a Anistia Internacional, coletando assinaturas como abaixo-assinado contra a morte de jovens negros; o Movimento dos Sem Terra (MST) vendendo alguns produtos agrícolas; o Ocupa DOPS, conscientizando sobre os crimes da ditadura; o Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS), apresentando problemas correntes na baía de Sepetiba e em Santa Cruz¹⁴. O Coletivo Osmótico realizou algumas performances no decorrer das apresentações e a peça “Asfixia” foi encenada com as performers Amanda Calabria e Nathalia Cantarino, retratando o corpo da mulher, a violência e as relações de poder.

A feira contou com a presença de diversos grupos musicais ativistas que dariam sua contribuição à frente artística. Estavam presentes o bloco Planta na Mente, o bloco Comuna que Pariu, o bloco APAFUNK (Associação dos Profissionais e Amigos do Funk), a banda de forró Noites do Norte e fechando a noite o bloco Blocato do Nada.



Figura 1: O bloco Planta na Mente – 6/3/2015 – Foto: Breno Crispino

O bloco Planta na Mente nasceu no final de 2010 e fez sua primeira atuação no carnaval de 2011. O grupo surgiu a partir do encontro de estudantes de história na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (Unirio) com a intenção de criar um bloco de carnaval que levasse a bandeira da

¹⁴ Regiões na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. A baía de Sepetiba sofre com a poluição, recebendo esgoto sem tratamento dos bairros dos arredores. O bairro de Santa Cruz sofre com a ocupação desordenada, políticas públicas mínimas, avanço da criminalidade e ocupação por complexos industriais descomprometidos com a população e com o meio ambiente.

legalização da maconha, agregando usuários (maconheiros e maconheiras) voltados à cultura canábica¹⁵. O crescimento da Marcha da Maconha foi um ponto positivo para a evolução do grupo, pois no momento os integrantes do Planta na Mente não militavam pela causa. O bloco se tornou um coletivo gerando debates sobre o proibicionismo e criminalização do uso da maconha. Ele começou, então, a se articular com outros movimentos sociais.

O Comuna que Pariu é um grupo que existe desde 2009, aproximadamente. Pertencia a um braço do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que inicialmente contratava uma bateria para fazer seus desfiles políticos. Em 2013 começaram a fazer oficinas e a formar a sua própria bateria. Alguns dos integrantes atuaram como professores e formaram assim outros músicos para compor o grupo. O número de integrantes foi crescendo e em 2015 contabilizou a participação de 70 músicos. O Grupo segue a formação de samba-enredo e possui duas puxadoras: Nina Rosa e Marina Ires. O Comuna que Pariu tem como característica a presença significativa de mulheres. A cada ano o Comuna que Pariu muda o tema, tal como fazem as escolas de samba. Em 2014 o tema era a “Copa que pariu” e ano de 2015 foi o “Lugar de mulher é onde ela quiser” que aborda as questões do feminismo, gênero e sexualidade.

A APAFUNK surgiu em 2008 com a proposta de defender o direito dos funkeiros e funkeiras. Tem como objetivo debater sobre o preconceito e criminalização do gênero. É um debate político que trata o problema do preconceito contra a cultura funk, pois é imaginada pelo senso comum como “poluente”, “degenerada” e uma ameaça à cultura “oficial e dominante”. “Os funkeiros, imaginados como uma ameaça poluente, agora são parte de um novo folclore urbano.” (YÚDICE, 2004, p.181). Por isso a APAFUNK cria o debate em torno do gênero e inclui no repertório do bloco alguns funks conhecidos pelos cariocas. Da mesma forma o “Blocato do Nada” também utiliza o funk como seu repertório principal.

“O Bloco do Nada deve parecer impossível de mudar”, apelidado de “Blocato do Nada”, surgiu da reunião de alguns comunicadores com a intenção de trazer política para a arte e arte para a política. Os ensaios começaram em novembro de 2012 e saíram pela primeira vez no carnaval de 2013, ou seja, um pouco antes de eclodirem as manifestações de junho daquele mesmo ano. O Blocato busca trazer novos métodos na forma de se fazer política no Rio de Janeiro, utilizando o músico ativismo como principal característica do grupo; dessa forma procuram “oxigenar” as velhas práticas políticas que só utilizavam os carros de som e os gritos de ordem.

Os grupos da frente artística demonstram sua fluidez e heterogenia, dessa forma podemos observar como os movimentos de esquerda são fragmentados e ricos com seus discursos. Cada grupo musical é voltado para determinados assuntos específicos, o que não os impede de dialogar entre si. O

¹⁵ Cultura canábica que inclui o uso religioso e medicinal.

Blocato do Nada, por exemplo, aborda a temática da liberação da maconha, dialogando assim com o Planta na Mente. Assim como o Comuna que Pariu usa batidas de funk, dialogando com o APAFUNK e com o Blocato do Nada. Embora cada bloco possa representar uma luta específica, eles sempre estão dialogando e dando apoio uns os outros.

7. Considerações finais

Através das identidades pessoais nos identificamos com determinados grupos ou movimentos. As pessoas criam uma compreensão do espaço que os cerca. Essa percepção é chamada por Hall (2014, p.40) de “compreensão espaço-tempo”. Também não podemos ignorar o impacto da globalização sobre a identidade, pois o espaço e o tempo são coordenadas básicas de todos os sistemas de representação, incluindo a influência que recebemos quando somos impelidos a tomar as ruas em protesto. A música e o evento do bonde seguem a representação no espaço e tempo, pois são apresentados através destas dimensões possuindo começo, meio e fim. A identidade está profundamente envolvida no processo de representação e todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico.

Grupos musicais acompanham os manifestantes e os movimentos sociais fornecem a eles uma nova forma de voz, um jeito novo de se fazer política. Todos juntos se apropriam das ruas e praças, os músicos embalam os sentimentos de todos os manifestantes com a música que tocam. São experimentações sociais, atividades criativas e inovadoras no campo sociocultural pois recriam diante da adversidade da situação enfrentada. As manifestações da década de 1990 focalizam o processo de globalização e seus efeitos na política do modelo neoliberal, conhecido como “efeitos perversos da globalização econômica” (GOHN, 2010, p.14) Podemos observar novas propostas para a manifestação de rua e a diversidade de organizações. A forma de comunicação mudou, o meio on-line se tornou essencial para esses ativistas. “Celulares e diferentes formas de mídia móvel passaram a ser meios de comunicação básicos e o registro instantâneo de ações transformou-se em arma de luta, em ações que geram outras ações como resposta” (Idem, p.17).

Hobsbawn (2009) ao observar o século XX não tinha ideia de que efeitos a política teria em alguns jovens no século seguinte, dizia que “a despolitização dos jovens é um dos problemas mais óbvios e complexos de nossa época. Não é nada claro qual será o papel dos jovens na política do século XXI (p.104). Talvez hoje, se ainda estivesse vivo, poderia escrever uma nota sobre a crescente politização dos jovens e sua forma de organização.

A frente artística é criada visando reunir esses grupos e assim agregar todos em uma nebulosa “afetual” ainda mais forte. Os participantes sentirão o pertencimento ao grupo, esses indivíduos

pensarão como parte de uma coletividade com símbolos que expressam valores, dessa forma a frente artística começara a ser construída.

Podemos observar que um dos pontos mais delicados desse artigo foi sobre o envolvimento de um músico (e também folião) com o ato político. Buscamos demonstrar que seria mais interessante entender esse sujeito através do processo que o levaria até as ruas e como ele se envolveria com a música a sua volta. Uma vez contatado as manifestações, não permitirá que o indivíduo saia desse ambiente alienado, sem consciência do que acontece a sua volta. Com o retorno desses novos movimentos sociais. Podemos destacar dois pontos característicos: a reivindicação ética dos políticos profissionais e a vigilância sobre a atuação estatal/governamental criando atenção para uma maior fiscalização sobre o bem público, como os impostos arrecadados e o seu mal gerenciamento.

Como podemos ver, até mesmo o nome da frente artística, intitulado “Bonde” tem sua intenção de crítica, contra a paralisação do bonde de Santa Tereza e contra todas mazelas do Estado para lidar com a situação do bonde lotado que descarrilhou, matou 5 pessoas e feriu outras 57, paralisando o serviço desde então¹⁶.

A proposta desse artigo de compreender a atuação do músico ativista e do ativista músico nos movimentos sociais e nos protestos de rua, abre o debate, as análises e pesquisas cada vez mais detalhadas sobre a forma de se fazer música politicamente engajada no Brasil.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Gabriel Souza. Depoimento. [10 de setembro, 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida ao autor.

BELLO, Enzo. *A cidadania na luta política dos movimentos sociais urbanos*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.

CANDIDA, Simone. *Bonde: começam os testes para integrar a Lapa a Santa Teresa*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/bonde-comecam-os-testes-para-integrar-lapa-santa-teresa-17835774?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O+Globo> Acesso em 30 de out de 2015.

CARNEIRO, Júlia Dias. *Depois de quatro anos, Santa Tereza vive 'alegria tímida' com a volta do bondinho*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150727_bonde_rio_jc_lk> Acesso em 19 de out de 2015.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Quarta

¹⁶ Até a última revisão desse artigo, uma notícia veiculada pelo portal de notícias G1 dizia que haviam começado os testes com uma viagem inaugural. (CANDIDA, 2015) Também pude observar que um bondinho transitava pela Lapa em meados do mês de outubro.

edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. *A casa & rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DORIGO, Pedro. Depoimento. [10 de setembro, 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida ao autor.

Entrevista: Depoimento. [20 de junho, 2013]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida ao autor.

FLOCH, Yohann. *Street Artists in Europe*. Brussels, European Parliament Directorate-General for Internal Policies of the Union, 2007.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Sociologia dos movimentos sociais*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HERCHMANN, Micael. FERNANTES, Cintia Sanmartin. *Músicas nas ruas do Rio de Janeiro*. São Paulo: Intercom, 2014.

HOBBSAWM, Eric. *O novo século: entrevista a Antonio Polito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HONK, RIO. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <<https://neofanfarrismo.wordpress.com/honk-rio/>> Acesso em 19 de out de 2015.

KOBE, Thiago. Depoimento [1 de março, 2015] Rio de Janeiro. Entrevista concedida ao autor.

KRASNOYEV, Bruno. *O gigante acordou... rosnou, virou pro lado e dormiu de novo*. 2013. Disponível em <<http://noticias.r7.com/blogs/ta-lendo-por-que/o-gigante-acordou-rosnou-virou-pro-lado-e-dormiu-de-novo-20130717/>> Acesso em 19 de out de 2015.

MACIEL, Camila. *Movimentos sociais iniciam hoje série de protestos até a Copa do Mundo*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/05/movimentos-sociais-iniciam-hoje-serie-de-protestos-ate-a-copa-do-mundo>> Acesso em 19 de out de 2015.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

Manifesto. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=629341397198684&id=559155700883921> Acesso em 19 de out de 2015.

MARX, Carl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

MCKAY, George. *A soundtrack to the insurrection: street music, marching bands and popular protest*. Parallax, Volume 13, p. 20-31, 2007.

MEIRELLES, Regina. A Questão de Proxêmica no Samba. Revista Academia Nacional de Música, Vol. XVII, p.141-152, 2006.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Cultura e política: A experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil. Revista Crítica de Ciências Sociais. 81, p.179-207, 2008.

OLIVEIRA, Chico. Depoimento. [9 de agosto, 2015]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida ao autor

PANFLETO. Planfleto do LSR- Liberdade, Socialismo e Revolução, 2013. Site disponível no panfleto <www.lsr-cit.org> Acesso em 6 de dez de 2015.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. Por linhas tortas: controvérsias marxistas sobre a leitura e recepção de Gramsci no Brasil. Gramsci no limiar do século XXI, Campinas, p. 17-44, 2013.

SNYDER, Andrew. Depoimento. [12 de dezembro, 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida ao autor

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.